

“Adeus, Lenin!”: uma nostalgia de futuro

Alexander Martins Vianna*



Título Estrangeiro: Good bye, Lenin!

Título no Brasil: Adeus, Lenin!

Duração: 117min.

Ano: 2003

País de origem: Alemanha

Idioma original: Alemão

Diretor: Wolfgang Becker

Roteiristas: Wolfgang Becker; Hendrik Handloegten.

Atores Principais: Daniel Brühl; Katrin Sass; Maria Simon; Chulpan Khamatova; Florian Lukas; Alex Beyer; Burghart Klaussner; Stefan Walz; Ernst-Georg Schwill

Introdução

O diretor e roteirista Wolfgang Becker produziu e concebeu um filme para a geração jovem que cresceu ou nasceu na Alemanha reunificada, criando deliberadamente empatia entre tal público e o protagonista do filme, o jovem Alex. Pensando justamente na geração que “esqueceu” ou não viveu o mundo das Alemanhas divididas, ele cria uma solução de roteiro muito engenhosa: um filho que tenta proteger a mãe do impacto cultural da ocidentalização acelerada da antiga Alemanha Democrática Popular (DDR), para que não perceba que, após os seus oito meses de coma, todo o mundo bipolar que dava sentido à sua vida ruína repentinamente, sendo substituído pela abundância socialmente excludente da economia de mercado.

Alex deve proteger a sua mãe de tal impacto porque o médico havia avisado que ela não poderia sofrer emoções fortes depois do coma, sob o risco de morrer. Assim, começou a sua saga de criar, dentro do quarto de sua mãe, “um mundo paralelo” e televisivo – imitando esteticamente os programas estatais da antiga DDR – que pudesse protegê-la do impacto de saber que, em meses, o seu “marido substituto” (a DDR) não existia mais. No entanto, à medida que ela se recuperasse, tornar-se-ia muito difícil contê-la na “bolha temporal doméstica de DDR” criada por Alex. Em todo caso, o filme não é uma nostalgia pelo passado perdido, pois Wolfgang Becker trata-o com profunda ironia, mas sim um questionamento: Será que o mundo que substituiu a DDR efetivamente unificou os alemães em pé de igualdade?

Quem viveu a Alemanha unificada da década de 1990, bem soube que não, pois, além do aumento do desemprego e da concentração de renda, muitos antigos alemães orientais foram subalternizados nas novas opções abertas pela “economia de mercado” – particularmente com a privatização e/ou desativação de muitas empresas do lado oriental. Além do que ocorre com a família matrilinear de Alex, isso é representado no filme por diversos outros personagens secundários (como o ex-astronauta – celebridade de outrora – que se tornou taxista depois da unificação), que surgem em cena quase como uma voz de fundo da consciência para a nova geração que não vive mais sob a referência do mundo bipolar da Guerra Fria.

Então, a inteligência do roteiro do filme está justamente em desacelerar o tempo artificialmente, na forma da Alemanha fictícia que Alex cria para sua mãe, o que serve para que a geração alemã do mundo pós-Guerra Fria não tenha somente a “visão dos vencedores”. No entanto, tampouco a visão de Alex é aquela dos “vencidos”. Ele não acreditava, tal como a sua geração jovem de finais da década de 1980, no regime e no partido a que sua mãe servia, mas no mundo de esperança e solidariedade que ela *queria acreditar e imaginava poder construir ou alcançar*.

Assim, no começo do filme, se Alex tenta “fazer durar” o mundo a que sua mãe servia, vai introduzindo aos poucos (na sua materna, fictícia e televisiva DDR) a sua própria visão das coisas. Com isso, ele ensaia a fictícia possibilidade de uma unificação Alemã que pudesse combinar abertura democrática e socialismo, solidariedade e abundância. Portanto, ao final do filme, em seu jogo de memória recomposta, Alex/Wolfgang Becker

oferece à geração de alemães do mundo pós-Guerra Fria uma nostalgia de futuro.

Segredos, Mentiras e Sonhos...

Alex narra a história de sua experiência de vida entre 1978 e 1990, sendo o primeiro marco cronológico importante o fato de toda a Alemanha Democrática Popular (DDR) estar testemunhando pela TV o primeiro vôo tripulado para o espaço em que estaria presente um astronauta (cosmonauta) do leste alemão. Alex se vê menino com uma mãe à beira do colapso nervoso devido à depressão que sofria por ter sido “abandonada” pelo marido, que supostamente “fugira” para a Alemanha Ocidental, aproveitando-se da ocasião de um congresso de medicina, e passou a morar com uma “inimiga de classe” (uma médica da Alemanha Ocidental). Desde então, Alex morava sozinho com a mãe e a irmã e, em função da dor da mãe, alienara-se ressentidamente da figura paterna.

Depois de superar a fase depressiva, segundo avaliação do próprio Alex, a sua mãe passou a concentrar toda a sua energia sexual no trabalho e para a construção de uma vida melhor para os camaradas e as camaradas alemães. Ela tornara-se uma idealista e, por isso incomodar alguns de seus colegas da escola, foi rebaixada de posto. Alex lembraria disso com amargura.

Em todo caso, até antes do coma, a sua mãe continuou sendo muito solicitada, por vizinhos e amigos, para redigir petições ao Partido Comunista Alemão que reivindicavam pequenas melhorias em miudezas cotidianas. Assim, recorrentemente, as suas petições visavam a sensibilizar os membros do partido e os burocratas do Estado sobre a necessidade de evitar uma excessiva padronização ou uniformidade de bens

de consumo leves, como roupas. Em função de sua dedicação “pela melhoria de vida dos camaradas alemães”, ela recebeu algumas condecorações do partido e passou a funcionar como uma espécie de reserva moral familiar de um sonho de sociedade melhor. Segundo Alex, com a “fuga” de seu pai, ela precisou agarrar-se a alguma coisa, acreditar que a “perda” de seu marido poderia ser substituída pelo sonho de um país socialista melhor.

O filme faz um salto no tempo. Agora, vemos Alex em 1989, às vésperas da queda do Muro de Berlim, com uma postura céptica em relação ao país e à *nomenklatura* do partido, mas ainda respeitosa em relação àquilo que sua mãe acreditava. Alex toma parte de uma passeata, em 7 de outubro de 1989, a favor do fim da divisão das duas Alemanhas e pela liberdade de expressão, sem que sua mãe soubesse. Nessa passeata, conhece uma estudante de enfermagem, que se tornará a sua namorada. Durante o transcorrer da passeata, que coincide com as comemorações dos “40 anos da DDR”, Alex é flagrado pela mãe quando é preso pelos soldados do batalhão de choque. Chocada com a violência policial, com a prisão do filho – o medo de perdê-lo por causa do regime tanto quanto ocorrera com seu marido – e com o fato de ele estar participando da manifestação, a sua mãe sofre um enfarte e fica em coma por 8 meses.

Nestes oito meses de seu coma, o Muro de Berlim cai e a DDR sofre um rápido processo de ocidentalização econômica e cultural, conhecendo, enfim, o “consumismo capitalista” e a precariedade do emprego. Todo um paradigma de sistema político e econômico rui numa velocidade estupenda – mas quem se deixa levar pela nova onda do ocidente sequer pára

para refletir sobre isso. No entanto, através do drama pessoal de Alex e sua mãe, toda a sociedade alemã de 2003 terá a chance de se observar novamente com mais atenção, distanciamento e vagar. Eis a brilhante provocação do roteiro e direção de Wolfgang Becker.

Assim, através de um drama familiar, Becker oferece a possibilidade de os alemães de 2003 avaliarem e compararem o que havia de bom e ruim na sociedade que ruíra e fazer um balanço sobre até que ponto um mergulho tão acrítico e passivo na “onda ocidental” representou efetiva qualidade de vida para todos. Nesse sentido, o filme tem um apelativo nostálgico não no sentido de idealizar o “passado socialista”, mas de questionar a atitude daqueles que aceitaram tão passivamente as fórmulas do mercado de trabalho e de consumo do capitalismo em tempos de reestruturação neoliberal. Afinal, depois de mais de uma década desde a Queda do Muro, e considerando que a década de 1990 foi marcada pela emergência do neonazismo na Alemanha e pela emergência de partidos de extrema-direita nas eleições locais de diversos estados europeus e da própria Federação Russa, o filme de Becker torna-se um ponto de revisão crítica da passagem tão drástica do *stalinismo* para o *neoliberalismo*.

Durante os oito meses do coma de sua mãe, Alex conseguiu um emprego numa empresa “ocidental” que pretendia vender parabólicas para os alemães orientais conseguirem assistir à programação dos canais ocidentais de televisão. A aproximação da Copa do Mundo de 1990 criava uma boa oportunidade de mercado e, ao mesmo tempo, através do futebol, uma única identidade alemã seria novamente

celebrada e estetizada pelos meios de comunicação de massa.

Na nova ordem da unificação *de facto*, a irmã de Alex, que era mãe solteira, conseguiu, durante os oito meses de coma de sua mãe, não apenas um emprego numa lanchonete de “*fast food*” (abandonando seus estudos na faculdade), mas também um namorado e novo pai (agora ocidental) para sua filhinha. Em função disso, a própria casa de Alex é redecorada. A sua irmã é a mais afoita em aceitar os novos paradigmas de consumo, mudando completamente seu guarda-roupa e adorando poder agora comprar fraldas descartáveis para sua filha. No entanto, o inesperado acontece: a sua mãe sai do coma. Alex, que acompanhara de perto o longo sono de sua mãe, é chamado pelo médico para uma conversa particular. Este o adverte de que o caso de sua mãe requereria muitos cuidados, pois era de alto risco de recaída, já que qualquer emoção forte poderia provocar novo enfarte.

A sua mãe acordara com amnésia temporária, mas aos poucos recuperou a memória e a capacidade de mobilidade. No entanto, jamais lembrou da ocasião em que teve o enfarte, o que foi a primeira chance para Alex começar um mundo de “faz-de-conta” para ela. Afinal, como poderia explicar que, depois de oito meses, a sua Alemanha comunista não existia mais? Como explicar que todas as coisas em que quis acreditar para compensar a perda do marido simplesmente desapareceram?

Portanto, a estratégia de roteiro que explora uma personagem que traumáticamente deteve a sua consciência num tempo passado cria a sensibilidade necessária para o alemão refletir, com mais vagar e criticamente, a respeito de todas as transformações recentes que levaram ao

desaparecimento súbito da antiga DDR e criaram um enorme fosso geracional que se abriu em tão poucos meses. Assim, através do mundo de “faz-de-conta” de Alex para sua mãe, o roteiro de Wolfgang Becker desacelera artificialmente o ritmo das mudanças e, ao fazer isso, explicita justamente o quanto que a vida “fora do filme” foi velozmente tragada por uma fascinação pouco crítica, que fez com que, em meses, toda uma sociedade fizesse um vôo, sem escala, do extremo stalinista para o extremo neoliberal. No final das contas, ambas alternativas de ordem sócio-econômica são tratadas criticamente no filme.

Tal tese se desenvolve a partir de todo o movimento de Alex preparar o ambiente de “retorno” de sua mãe para sua “casa”. A primeira coisa que teve que fazer foi convencer a irmã (e o seu namorado) a desocupar o quarto da mãe e a recuperar as coisas que faziam parte dele. Com a ajuda de seu colega “ocidental” da empresa de parabólicas, Alex conseguiu reconstituir todo o antigo quarto da mãe. No entanto, os problemas de Alex em sustentar o mundo de “faz-de-conta” para sua mãe se complexificariam à medida que ela se recuperasse.

Inicialmente, presa à cama e ainda fraca para se movimentar, a mãe de Alex dormia boa parte do tempo entre uma refeição e outra. Depois, à medida que se fortaleceu, ela falou para os filhos que não era justo que ficassem com ela o tempo todo e que poderia se distrair sozinha se colocassem uma televisão no quarto. Este foi o segundo dos vários outros problemas que Alex teve de enfrentar, com criatividade, para não deixar os “novos tempos” entrarem desavisadamente no quarto da mãe. O primeiro de seus problemas foi, no entanto, tentar conseguir todas as

marcas de produtos que a sua mãe estava acostumada a consumir, desde o pepino em conserva até a marca de café.

Alex (e o espectador) fica espantado com a dificuldade de encontrar coisas do passado recentíssimo num supermercado saturado de marcas de produtos importados ocidentais. Assim, ele teve de improvisar: buscou no lixo frascos e etiquetas dos produtos consumidos no passado e passou a comprar os “produtos ocidentais” e colocá-los em “embalagens orientais”. Mais arte ele precisaria no caso da televisão.

Neste ponto, aproveitando-se do “complexo de cineasta” do colega que vendia com ele as parabólicas, Alex fez uma série de reedições de reportagens dos últimos meses do antigo canal de televisão controlado pelo partido comunista da DDR. O seu colega diz, em tom irônico, o quanto foi fácil conseguir “aquelas coisas” do arquivo do Estado, pois ninguém mais queria ver (e, por conseguinte, guardar). Assim, a mãe de Alex pôde voltar a ver televisão. No entanto, manter este mundo de “faz-de-conta” era emocionalmente desgastante para todos: Como controlar os efeitos do tempo? Por quanto tempo o mundo novo poderia ser mantido fora de seu quarto?

Em todo este processo de configuração de um mundo de “faz-de-conta”, Alex tomou consciência do quanto era fácil manipular a verdade quando se imita a estética discursiva de algo que tem autoridade sobre o que é verdadeiro ou falso num regime autoritário: a linguagem das reportagens do telejornal do antigo partido comunista. Logicamente, nisso reside uma crítica irônica da doutrinação política autoritária do antigo Partido Comunista Alemão. No entanto, através da mentira, construída a partir da reedição e

recontextualização de artefatos políticos e culturais “verdadeiros”, Alex foi mudando o sentido da mensagem das coisas que chegavam à sua mãe, possibilitando a ela uma transição gradativa – que ele mesmo não teve chance de viver.

Assim, dentre os vários exemplos de reconfiguração da realidade, um deles foi dado pela ocasião em que um enorme cartaz da Coca-Cola pôde ser visto da janela do quarto de sua mãe. Alex aproveita-se de cenas gravadas por ele e seu colega em frente ao prédio da Coca-Cola para dar uma “explicação plausível” através do “telejornal”: fora “descoberto” que a fórmula da Coca-Cola havia sido roubada de uma empresa de bebidas da DDR e, por isso, a presença da empresa na DDR era uma espécie de devolução de algo que sempre pertencera aos alemães orientais. Desafio maior de reconstrução da realidade adveio quando a sua mãe, para surpresa de todos, conseguiu sair do quarto e foi para a rua.

Logo de início, a mãe de Alex estranha que, na saída de seu prédio, encontrasse alemães ocidentais trabalhando como entregadores de móveis novos para os demais inquilinos. Depois, ela se encaminha em direção à rua principal e espanta-se com a quantidade e a variedade de marcas de automóveis no tráfego. Esta é uma das cenas mais impactantes do filme e que justifica o seu nome: enquanto ela se vê atônita em meio ao tráfego, surge ao fundo um som de helicóptero, e eis que aparece a enorme estátua de Lenin, sendo guinchada pelo helicóptero do exército e transportada pouco acima do tráfego. Tratava-se da estátua em que Lenin aparece dando “boas vindas” e que ficava na praça central de Berlim. A partir do ângulo em que está a atônita mãe de Alex (e o olhar do espectador), a

estátua passa diante dela causando a impressão de estar sorrindo, saudando e se despedindo. Neste momento, Alex e a irmã alcançam a sua mãe e levam-na de volta para casa. Alex teria agora que criar sentido para tudo aquilo que sua mãe vira, pois agora ela provocara uma aceleração involuntária do tempo.

A solução encontrada por Alex e seu colega “cineasta” foi, mais uma vez, o seu fictício telejornal, que “noticiou” que muitos alemães ocidentais quiseram deixar seu país, pois estavam cansados da exploração do mundo capitalista e optaram por viver na “DDR”, o que justificava, aos olhos de sua mãe, todas aquelas mudanças mais imediatas que percebera em sua vizinhança. No entanto, a mãe de Alex ficou preocupada: Onde estariam morando todas aquelas pessoas que “abandonaram a exploração capitalista”? Eles precisariam ajudá-los de alguma forma.

Por isso, a mãe de Alex pensou na possibilidade de ceder o sítio que tinham fora da cidade para abrigar algumas famílias. Isso deu a chance para Alex planejar a reforma da casa do sítio e afastar a mãe da cidade, levando-a de olhos vendados até o sítio (sob o pretexto de fazer-lhe uma surpresa) para que não visse as demais mudanças ocorridas na cidade. Nesta altura do filme, há uma relação de ambigüidade entre a realidade vivida por Alex e aquela que criara especialmente para a sobrevivência de sua mãe, pois, à medida que se aperfeiçoava na “técnica telejornalística”, ele reeditava os textos dos noticiários não apenas com mentiras convenientes para sua mãe, mas projetava também *a sociedade que ele gostaria de ter tido na ex-DDR*.

No sítio, sentindo a proximidade da morte, a mãe de Alex conta aos filhos o que efetivamente acontecera com seu

pai: como ele não era membro do partido, a sua vida tornou-se um inferno, mas ele evitava deixar isso transparecer para sua família; assim, sob o pretexto de uma conferência médica, ele efetivamente fugira para a Alemanha Ocidental em 1978, mas isso fazia parte de um plano em que sua esposa e filhos deveriam ir ao seu encontro logo em seguida. Porém, temendo que os oficiais desconfiassem que uma mulher casada pedisse vistos para si e para os filhos pequenos e que, para impedi-la de qualquer “deslize”, tirassem-nos de sua custódia legal, optou por não acompanhar o marido, vendo isso como um dos maiores erros que cometeu na vida. Por tudo isso, desejava ter a chance de vê-lo pela última vez, antes de morrer.

Portanto, ela, que até então vivia no mundo de “faz-de-conta” de seu filho, revelou também o mundo de “faz-de-conta” que criara para Alex. Depois disso, ela confessou que seu pai sempre enviara cartas perguntando sobre os filhos, mas ela nunca as respondia e escondeu todas atrás do armário da cozinha do apartamento na cidade. Neste momento, toda a imagem negativa que Alex tinha do pai se desfez. Depois desta confissão, a mãe de Alex sofre um novo enfarte e é levada às pressas para o hospital. A sua irmã procura as cartas do pai e descobre o seu endereço mais recente. Ela o entrega a Alex, querendo que ele fosse ao seu encontro para realizar o último pedido de sua mãe.

Ao fazer isso, Alex teve a chance de encontrar o cosmonauta alemão que alimentara suas fantasias infantis, pois, nos novos tempos, ele não era mais do que um motorista de táxi. Alex chega à casa do pai e descobre que tinha agora um casal de filhos e uma nova esposa. Ele lhe explicou toda a situação do

mundo de “faz-de-conta” que criara para sua mãe e pediu-lhe para participar da farsa. O seu pai recusou-se inicialmente, dizendo não ser capaz de fazer tudo aquilo, a que Alex respondeu dizendo que, no começo, era difícil, mas que depois ele se acostumaría. No entanto, enquanto Alex preparava o seu pai para a sua farsa, a sua namorada tomara a iniciativa de contar à sua mãe que o Muro havia caído e que agora havia apenas uma única Alemanha *de facto*. Neste momento, Alex perde, portanto, a onisciência no relato da História e, por isso, é ambíguo o que vai acontecer posteriormente.

A sua mãe se encontra com seu pai no hospital. Porém, tanto Alex quanto o espectador do filme ficam sem saber o teor da conversa. No entanto, o espectador tem agora uma vantagem sobre o narrador (Alex): sabe que a mãe de Alex não ignora mais que as duas Alemanhas foram reunificadas *de facto*. Justamente por não saber disso, Alex tem uma nova preocupação: estava chegando a data em que se celebraria a reunificação *de jure*. Portanto, ele precisava ficticiamente antecipar alguns eventos para que as coisas “tivessem sentido para sua mãe” (na verdade, para si mesmo).

Como a DDR foi extinta *de facto*, ele queria ao menos dar a ela um fim (fictício) digno. Assim, o seu último filme para sua mãe é o ápice de sua projeção pessoal na “reedição” da história recente alemã: utilizando o ex-cosmonauta como protagonista na reportagem, Alex o veste como “soldado condecorado do partido” e substituto de Erich Hoenecker no cargo de presidente do Partido Comunista Alemão e Secretário de Estado. Alex e seu colega “cineasta” aproveitam um canto da biblioteca pública de Berlim para criar uma cena para o

pronunciamento oficial do “novo” chefe de Estado a respeito da Unificação Alemã.

Então, coberto de medalhas e cercado pelos bustos de Lenin e Marx, o ex-cosmonauta lê um discurso preparado por Alex, em que afirma que, enquanto esteve no espaço, teve a chance de ver o quanto que o mundo era belo em sua imensidão azul, que de lá de cima não se podia ver as linhas que dividiam os povos em inimigos, e que os alemães orientais deveriam abrir os muros para que os outros alemães – *cansados com a exploração, com a alienação e com o consumismo egoísta do mundo capitalista* – pudessem voltar a pertencer a uma única e melhor sociedade.

Emblematicamente, Alex se aproveita das cenas reais em que os alemães orientais corriam para quebrar ou pular o Muro de Berlim em outubro/novembro de 1989 e, sob o efeito da edição da narrativa do ex-cosmonauta, causa a impressão de que eram os ocidentais que estavam correndo para o “belo mundo da ex-DDR”. Assim, nesta versão da realidade, a opinião popular dos alemães ocidentais teria ajudado a pressionar o seu governo a buscar a unidade com o modelo comunista de sociedade alemã. No entanto, a “abertura da fronteira para os ocidentais” significaria uma reformulação completa de paradigmas: a concretização do sonho de igualdade social associado ao ideal de liberdade de expressão.

Conclusão

No momento em que Alex passa o filme para sua mãe no hospital, estão também juntas a ele a namorada e a irmã. A cena é ambígua em seus efeitos para o espectador: como Alex deixou de ser o

narrador onisciente, não é claro se ele está sendo enganado por elas (a mãe, a namorada e a irmã) ou se está enganando a si mesmo. A sua irmã tenta conter o riso. A sua mãe, estando mais ao fundo da cena, assiste ao “telejornal” e ao mesmo tempo olha com ternura para a forma como o filho se engajou em tudo aquilo por ela, talvez por compreender na sua mentira um enorme gesto de amor e respeito em relação a ela e em relação a um sonho de sociedade que ela mesma acreditara.

Em todo caso, através do seu fictício telejornal, Alex demonstrava o zelo amoroso de não manter a sua mãe alienada de seu credo de *pátria* (*Vaterland*), mesmo depois de saber que sua mãe o mantivera, também por zelo amoroso, alienado do *pai* (*Vater*). Assim, nesse jogo especular, mas por razões distintas, ambos foram vítimas do regime que ruína no verão-outono de 1989.

Então, o paralelismo especular entre mãe e filho se completa: no passado, ela criara a sua própria mentira para conseguir sobreviver com os filhos num jogo de disputas ideológicas simplificadoras da realidade político-social e que arruinara a sua vida conjugal; no presente, o seu filho se engajou na construção de uma grande mentira para que ela visse que seu sacrifício pessoal teve algum sentido, pois o “melhor dos mundos” finalmente aconteceu: *o regime comunista “imperou” sobre o capitalista*, e com

democracia, pelo menos no mundo afetivo e fictício representado no telejornal de Alex.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, F.C.T. et alii. *Dicionário Crítico do Pensamento da Direita*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

SILVA, F.C.T. et alii. *Enciclopédia das Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

VIANNA, Alexander Martins. Neonazismo e Neoliberalismo: O enlace esquecido. *História e Ensino*, v.8, p.121-142, 2002.

VIANNA, Alexander Martins. Cinema e História: Entre Pesquisa e Ensino. *Revista Digital Art&*, v.2, n.1, 2004. [Url: www.revista.art.br/site-numero-01/trabalhos/pagina/15.htm](http://www.revista.art.br/site-numero-01/trabalhos/pagina/15.htm)

Dedico este artigo a todos aqueles que acreditam que não estamos num último e definitivo paradigma de sociedade; a todos aqueles que pensam que extremos simplificadores da vida social nunca são soluções eticamente válidas ou renovadoras da existência humana. E também dedico este artigo, como não poderia deixar de ser, a Antônio Ozai – síntese dessas qualidades.



* ALEXANDER MARTINS VIANNA, Professor Adjunto de História Moderna e Contemporânea da UFRRJ, mestre e doutor em História Social pela UFRJ. Home page: <http://www.martinsvianna.net/> Email: alexvianna1974@hotmail.com